

ÉTICA COMPLEXA

*Prof. Dr. Pe. Marcos Mendes de Oliveira**

Resumo: O presente artigo trabalha a Ética Complexa de Edgar Morin, através de quatro pontos: as forças cósmicas; as forças de atração e repulsão; o Estado; e o planeta. A ética apresenta-se como a possibilidade da vinculação entre as partes e o todo, entre os seres vivos, inanimados, e o cosmos. Somos marcados por forças de ligação, somos também provocados por forças de repulsão, sendo que a vida social é o entrelaçar-se de forças fracas e fortes, para as quais precisamos estar atentos naquilo que diz respeito aos agrupamentos humanos e ao Estado para que, superando antigas práticas, possamos de fato iniciar uma nova fase planetária.

Palavras-chave: complexo, forças fracas, forças fortes, Estado, Planeta.

Abstract: This article works the Complex Ethics of Edgar Morin, by means of four points: the cosmic forces; the attractive and repulsion powers; the State; and the planet. The ethics presents itself as the possibility of the connection among the parts and the whole, among the living and inanimate creatures, and the cosmos. We are marked by attractive forces; we are too influenced by repulsion forces. Life is the interlacing of weak and strong forces, for which we must be aware of, what concerns humans groups, what concerns the State to overcome old practices, so that we can indeed begin a new planetary stage.

Keywords: Complex; weak power; strong power; State; Planet.

Introdução

Através de seis obras, intituladas *O Método*, Edgar Morin analisou diversas situações da vida humana. Nelas desenvolve o pensamento complexo, que seria uma posição relacionada com a dimensão dialógica com reservas à postura dialética, com a busca contínua de superação de pensamentos anteriores. Para desenvolver seu pensamento, Morin entra em contato com diversos ramos da filosofia e das ciências, particularmente da física quântica.

O pensamento complexo é marcado por formas de raciocinar que chama de operadores recursivos (as relações de causa e efeito são entrelaçadas em diversas dimensões), hologramático (a relação da partes com o todo e do todo com as partes: o todo pode ser menos ou mais a

soma das partes)¹, e pensamento pertinente (rejeição da fragmentação do saber para a aceitação de um metaponto de vista sobre questões fundamentais da vida humana, como a vida, o homem, o planeta). Optamos por fazer referência à questão ética, levando em consideração as indicações morianas, por considerar que possibilitam a abertura de um olhar criativo para a ampla realidade humana.

No *Método*, chamamos atenção para o momento dedicado à Ética Complexa², que será apresentada em quatro pontos: forças cósmicas; forças de atração e repulsão; Estado; planeta.

1. Forças cósmicas

Dentro da sociedade plural, marcada por diversas culturas, normas e sociedades, podemos nos perguntar sobre alguma possibilidade de vinculação dentro da comunidade humana.

Diversos poderiam ser os caminhos de aproximação da aldeia planetária, como, por exemplo, o medo da destruição do planeta por armas de destruição de massa³ ou a questão ecológica, numa perspectiva da heurística do medo, segundo Hans Jonas, de assumir o medo não como força negativa, mas como força também propulsora de novas soluções⁴.

O caminho de Morin indica uma busca da possível vinculação a partir da gênese do mundo, onde numa articulação da parte com o todo considera o mundo uma espécie de resultado de forças de atração e repulsão, de Tânatos e Eros.⁵ Poderíamos resgatar a concepção de Tales sobre os elementos primordiais e constitutivos de todas as coisas, sendo o elemento primordial a água, da qual derivam a terra, o ar e o fogo,⁶ que foi uma tentativa antiga de explicação de como o mundo se formou. Morin, acolhendo a teoria do *Big Bang*, concorda que o mundo é resultado de uma explosão inicial, de separação e união: ao mesmo

¹ Stephen HAWKING. *O Universo numa casca de noz*. São Paulo: ARX, 2004, 14: "Os núcleos constituem-se de prótons e nêutrons unidos pela força forte. Mas a massa do núcleo é sempre inferior à soma das massas individuais dos prótons e nêutrons que o constituem. A diferença é uma energia de ligação nuclear que mantém o núcleo unido."

² Edgar MORIN. *O Método 6 – Ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

³ Karl JASPERS. *The future of Mankind*. Chiacago – London: The University of Chicago, 1968.

⁴ Hans JONAS. *Il principio responsabilità – un'etica per la civiltà tecnologica*. Torino: Einaudi, 2002.

⁵ Edgar MORIN. *op. cit.*, 37.

⁶ Nicola UBALDO. *Antologia ilustrada de Filosofia – das origens à idade moderna*. São Paulo: Globo, 2005.

tempo em que a matéria se separa, ela se aproxima; ao mesmo tempo, em que, as constelações se afastam, elas passam por um condensamento de matéria em determinadas regiões, com a formação de estrelas, planetas e outros tipos de formas espaciais.⁷

A relação de separação e aproximação, de morte e amor, vai se repetir em diversas situações, como na vida do planeta terra, onde os herbívoros comem as plantas, os carnívoros comem herbívoros, carnívoros maiores comem herbívoros e carnívoros, os quais depois são digeridos por insetos, bactérias e outros seres microscópicos.⁸

A correlação de atração e repulsão se manifesta também nas relações sociais, que, numa perspectiva iluminada pela física, vai dizer que existem forças fracas e forças fortes.⁹ Estas forças se repetiriam ao nível das relações humanas, no que diz respeito à existência de forças fortes, marcadas por elementos negativos, de destruição, e forças fracas, marcadas pelo amor e pela compaixão.

A partir também da física quântica, levantou-se a questão da incerteza sobre a localização de uma partícula na relação com sua velocidade, segundo Werner Heisenberg.¹⁰ As questões quânticas suscitaram o problema da improbabilidade nas questões éticas. A mente humana deve desconfiar de suas considerações sobre a verdade, desenvolver uma autocrítica, elaborando metapontos de vista na noosfera¹¹ para auto-observar-se e conceber-se.¹²

2. Forças de atração e repulsão

A ética seria o caminho da religação entre as diversas partes com o todo e do todo com as partes. A ética é necessária como possibilidade de vinculação na comunidade humana, e suas fontes estariam dentro de

⁷ Edgar MORIN. *op. cit.*, 32.

⁸ *Ibidem*, 33.

⁹ H. Moysés NUSSENZVEIG. *Curso de Física Básica 1 – Mecânica*. São Paulo: Edgard Blücher, 2002, 82-84:

¹⁰ Stephen HAWKING. *op. cit.*, 42-43.

¹¹ Edgar MORIN. *O Método 4 – As idéias*. Porto Alegre: Sulinas, 2002, 138: “Este termo, inventado por Teilhard olhando o além do espiritual do homem, utilizado nos anos 30, ao que parece pelo soviético Vernedski, impõe-se a nós. O encontro entre o caminho de Teilhard e o de Monod nos incitará a nunca esquecer o aquém biológico e o além espiritual dos seres que operam, controlam, parasitam nosso conhecimento.”

¹² Edgar MORIN. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo – Brasília: Cortez – UNESCO, 2000, 31-32.

uma leitura que a própria dinâmica da vida é marcada por estas forças de atração e repulsão e que teriam suas conseqüências na morada humana.

Mas pensar estas forças a partir da própria natureza poderia indicar a velha leitura de lei natural, do assim como na natureza se percebe a existência de tais formas “a” e “b”, também na vida dos valores a estrutura “a” está relacionada com “c” e a estrutura “b” com “d”.

Porém, saindo de uma compreensão simplista de lei natural, Morin aborda a questão, dentro da chamada condição humana, que merecem atenção circuitos recursivos que seriam:

- | | | |
|--------------|---------|-------------------------|
| 1) Cérebro | mente | cultura |
| 2) razão | afeto | pulsão |
| 3) indivíduo | espécie | sociedade ¹³ |

A abordagem do primeiro circuito recursivo considera que o homem é ao mesmo tempo cem por cento biológico e cem por cento cultura, e a relação indivíduo cruza com sua dimensão biológica de espécie.

O segundo circuito recursivo aborda o problema que o homem não é apenas racional, mas também pulsão. Seria um fenômeno marcado pelo seu *logos* e pelo seu *patos*. Evita considerar um homem numa perspectiva platônica da razão em oposição ao sofismo registrado nas tragédias,¹⁴ e a situação da *res cogitans* como dominadora. A pessoa tem seu lado *logos*, seu lado *Eros*, seu lado afetividade, sensibilidade, uma espécie de Yin e Yang.¹⁵ “O mito emociona. Dirige-se à subjetividade, diz respeito ao temor, à angústia, à culpabilidade, à esperança [...]”¹⁶

No terceiro, temos as ações e reações em relação ao indivíduo, à espécie e a sociedade. A compreensão de *sapiens*, que para não afundar no lago narcisista precisa ser completada com outras situações da espécie,

¹³ *Ibidem*. 47-54; *Idem*. Método 6. cit.75-79; *Idem*. O método 2 – a vida da vida. Porto Alegre: Sulina, 2002.

¹⁴ *Idem*. Os sete saberes. cit., 22-24; Alasdair MACINTYRE. *Justiça de quem? Qual racionalidade?* São Paulo: Loyola, 2001, 54.88.

¹⁵ O símbolo Taoísta é constantemente recorrido por Morin para colocar a relação hologramática (Método 6, 141, 202, A mesma linha de associação do racional e o afetivo, podemos ver Zubiri, sobre inteligência sensitiva: Xavier ZUBIRI. *Inteligência y Razón*. Madrid: Alianza editorial – Sociedad de Estudios y Publicaciones, 1983.

¹⁶ Edgar MORIN. *O Método 3 – O conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 2002, 168-183.

como o seu lado *demens*, revelado nas guerras, nas armas nucleares, no eterno aspecto bélico da humanidade.

Ao lado mesmo dessas dimensões, a pessoa é lúdica, com inserções na economia de sobrevivência e de mercado, é *homo economicus*. Na verdade, para compreender essa face humana é preciso estar atento a que uma dimensão pode ser uma visão fragmentada da vida humana, que precisa ser olhada numa visão mais ampla, tecida com outras partes, complexa.

Os seres humanos naturalmente tendem a se aproximar e a formar novos grupos. Podemos pensar nas tribos urbanas que mesmo dentro de um amplo contexto de anonimato, aproximam-se por áreas de interesse, como a música, o esporte e até por questões econômicas.

Não podemos deixar de ver, apesar dos contextos negativos de violência, que existe uma força positiva de aproximação em um bando de cangaceiros, como o de Lampião, a dimensão que possuem os seres humanos dentro das mais diversas situações. Algo, como dizia já Aristóteles, que se manifestava entre os animais, mas apenas os seres humanos possuem a condição de ascender a uma dimensão mais profunda da agregação, que seria a política.¹⁷

Morin vai nos dizer que estamos sob o impacto de forças fortes e forças fracas. À luz de uma visão da física, considera que existem nas relações humanas essas dimensões.¹⁸ As forças fortes poderiam ser

¹⁷ ARISTÓTELES. *Política*. São Paulo: Nova Cultural, 2000, I, 2,4-9; Solange VERGNIÈRES. *Ética e Política em Aristóteles*. São Paulo: Paulus, 1999, 150.

¹⁸ As forças básicas da natureza seriam: interações gravitacionais; interações eletromagnéticas; interações fortes; interações fracas. A lei de força mais antiga é a lei de Newton da gravitação universal, que exprime as forças de interação gravitacional entre duas partículas 1 (massa m^1) e 2 (massa m^2) cujo deslocamento relativo é r^{12} . São características da força gravitacional: atua entre corpos eletricamente neutros, ou seja, que contém igual quantidade de carga elétrica positiva e negativa, eliminando as interações de origem elétrica entre eles; é uma força sempre atrativa; as massas dos corpos que interagem, na escala astronômica, são extremamente grandes. Quando uma partícula carregada se move num campo magnético, atua sobre ela uma força conhecida como *força de Lorentz*. Como uma partícula carregada em movimento também produz um campo magnético, existem forças de interação tanto elétricas como magnéticas entre duas cargas em movimento qualquer. As interações fortes são responsáveis pelas forças nucleares. São de intensidade maior que as eletromagnéticas, mas têm um alcance extremamente curto. As interações fracas, como as fortes, atuam somente na escala nuclear; seu alcance, aliás, é ainda menor que o das interações fortes, de intensidade menor que as interações fortes, situando-se entre as eletromagnéticas e as gravitacionais. As fracas são responsáveis pelo processo de “desintegração beta”, a emissão de elétrons pelos núcleos de certas substâncias

localizadas com aquelas ligadas à destruição, e as fracas, com as forças de religião.¹⁹

A vida humana estaria constantemente marcada por forças fortes e fracas, sobre as quais deveríamos estar atentos. Ao mesmo tempo em que num campo de futebol o esporte reúne uma multidão, a mesma se joga contra si mesma, contra policiais e policiais contra a multidão. Diante dos interesses econômicos, grupos fazem manifestações públicas, sofrem repressão pela máquina do Estado, através da polícia, do batalhão de choque, e não deixa também de haver as reivindicações nos momentos de choques de forças. As greves, por sua vez, teriam condições ou não de terem suas pautas atendidas, dependendo do jogo de forças em questão. O que se pode pensar é que o que vale é a lei do mais forte, algo refletido por Aristóteles,²⁰ comentado entre os pensadores, mas dentre os quais poderíamos exemplificar com Thomas Hobbes: a lei do mais forte se impõe sobre as relações sociais. O mesmo do *Leviatã* apresenta a grande contradição: “o mais fraco pode vencer o mais forte”.²¹ As forças fracas num jogo inesperado, astuto e inteligente, podem desestruturar aquilo que era dado como certo.

Mas dentro das forças fracas, não podemos esquecer a dimensão do amor, que poderíamos sim nos questionar sobre qual o mais fraco: o amor ou o ódio?

Dentro de certa percepção de fé, poderíamos logo responder: Claro, se Deus é amor, o amor é mais forte! Mas no dia-a-dia, quantas vezes esta constatação não é tão clara assim. Diante de tsunamis, de escândalos sexuais envolvendo religiosos, da miséria, da fome, da guerra, do poder do dinheiro, quantas vezes não nos rendemos ou escutamos as afirmações de que o mundo é mesmo assim, o que vale é a lei do mais forte, do mais rico!

Mas a experiência de amor é aquela que contagia tantos seres humanos, que também arrasta multidões, com sede de aprender algo diferente da situação de violência, de uma manifestação de esperança de construir alternativas, algo novo, mesmo dentro de escombros de Hiroshima e Nagasaki.

radioativas. Como as fortes, as interações fracas só podem ser tratadas pela mecânica quântica, conf. H. Moysés NUSSENZVEIG. *op.cit.* 82-84.

¹⁹ Edgar MORIN. *O Método 6. cit.*, 186.196.

²⁰ ARISTÓTELES. *op. cit.*, I 3, 12.22.

²¹ THOMAS HOBBS. *Leviatã*. São Paulo: Martins Fontes, 2003, XIII.

Como entender que o Vietnã venceu os EUA? A lógica do jogo, do ludus, não se dá só no divertimento, mas na própria luta pela sobrevivência.

O mais incrível é que os mesmos seres humanos, que são capazes de gestos tão egocêntricos, são igualmente capazes de realizar outros com um profundo tom altruísta. O *demens* vive casado com o *sapiens*, no *sapiens* a força do *demens*. É um estado de profunda tensão, de profunda neurose. Cantemos um hino à loucura!

Erasmus de Rotterdam, na famosa *Elogio da loucura*,²² procurou demonstrar que a mesma animava a existência humana. Viveu no *domus pauperum* do colégio Mataigu, Paris. Um edifício triste e sombrio, dormitórios sujos, paredes nuas e geladas. As refeições eram péssimas: freqüentemente os ovos e a carne eram servidos quase estragados e o vinho mais parecia vinagre. Poderia parecer normal para uma vida que deseja como agostiniano o desenvolvimento na vida espiritual, mas para ele não era assim. Pior que o desconforto ou os jejuns eram os sofrimentos pelos quais tinha que passar a inteligência diante do ensino, impregnado de sutilezas insípidas, de exagerado formalismo e limitado a discutir temas irrelevantes. Sua obra foi consumida por aqueles que criticavam Roma por causa da vida suntuosa e principesca de papas e cardeais, em contradição com as propostas das fontes do cristianismo. Na verdade, de louco Erasmo não tinha nada, era muito consciente do que estava escrevendo e propondo.

Às vezes, passamos por loucos para melhor passar. Ou nos fazemos de normais. Quanto exercício psicológico para podermos parecer como normais, ou corresponder àquilo que é considerado normalidade dentro da sociedade!

Mas às vezes o normal considerado pode ser apenas um critério cultural passageiro. Por que nossa dita “anormalidade” não pode ser considerada normal, apenas porque o conjunto da maioria assim o quer? Talvez fosse muito mais normal aceitar que as pessoas possuem suas dimensões de anormalidade, que é normalidade.

Outras situações de loucura podem nos assustar tanto, como nos casos expressos de violência, que procuramos tanto nos escandalizar, para que o fato não se repita, como desejamos intervenção da máquina

²² ERASMO DE ROTTERDAM. *Elogio da loucura*. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (*Os Pensadores*)

para repressão da dita loucura, para proteger a nós mesmos; uma forma de não querer que sejamos atingidos pela dimensão *demens* dos outros.

A loucura pode ser percebida nas obras de Caravaggio nas telas pintadas da decapitação de João Batista e no sangue a correr, loucura da vida e da sua dor expressas na trama da tela.

Loucura de Angelo Brozini.

Loucura no *Encouraçado de Potmekim*, que serviu para expressar manifestação de Francis Bacon, nas pinturas dos seus gritos papais expressos.

Loucura da Sinfônica da Inquisição.

Loucura do filósofo, que embora a refletir tanto sobre o comportamento humano, acaba numa situação como a de Nietzsche.

Loucura surrealista de Salvador Dali, em expressões do seu inconsciente.

A loucura de Saturno que, para manter o acordo com seu irmão para permanecer no poder, devora os próprios filhos.

3. O Estado

Quando Rodin esculpiu a famosa figura do homem sentado com os dois braços apoiados sobre a perna esquerda e a cabeça sobre o punho direito, talvez não pudesse imaginar como se tornaria o grande ícone para simbolizar a Filosofia.

Na verdade, *O Pensador* representa Dante no momento da entrada no inferno.²³ Na sua maravilhosa obra *A Divina Comédia*,²⁴ o autor imagina-se passando por três momentos: o inferno, o purgatório e o céu.

A representação simboliza a apreensão dantiana no momento da entrada. A ligação do *Pensador* com a situação da entrada naquela região tenebrosa, pode dizer também da Filosofia. Ao mesmo tempo em que ela se apresenta como o momento de *Sapiens – Sofia* - amiga da sabedoria, não deixa de ser também filoloucura. A forma de pensar, a proposta de compreensão das coisas, do Ser, a dimensão ontológica, metafísica pode ser uma objetivação do ser, onde emergem condições para um quadro de imposição de poder sobre outras culturas. É exatamente a questão de

²³ Jacques VILAIN. *O Museu Rodin*. Paris: Beaux Arts, 2003, 20.

²⁴ DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia*. Rio de Janeiro: 34, 2000.

querer ser *sapiens*, e ao mesmo tempo estar marcado por sua capacidade *demens*. O homem então é compreendido como *Sapiens Demens*.

A ética está relacionada com a política e a política com a ética. Uma não pode estar desligada da outra e uma não pode se sobrepor à outra. No *Édipo Rei*, temos um dos lados dessa relação, quando narra o choque entre Antígona e Creonte. Antígona deseja o corpo do seu sobrinho para poder fazer um funeral, a contragosto de Creonte. Em Eurípedes manifesta-se a tensão dos bens de eficácia sobre os bens de excelência.²⁵

A ética da cicuta de Sócrates mostra como o sábio não consegue sair das teias das tramas sociais e acaba morrendo. O sábio é o que morre, enquanto os loucos é que ficam vivos? Que sabedoria é essa que o arrasta para o Tánatos?

Platão projeta para um mundo ideal uma sociedade marcada pelas virtudes onde cada qual tem o seu lugar na estrutura da sociedade. Os corajosos são os soldados, os prudentes - os artesãos, os filósofos - os governantes. Uma ética que se arvora a sair da caverna, onde aqueles que foram iluminados realizam a possibilidade do despertar daqueles que precisam ser conscientizados para a importância de se estabelecer um tipo de Estado, é o papel do filósofo-político.²⁶ O Estado de Platão lança raízes tanto da sociedade de direito, por considerar o Estado o momento objetivo em que se estabelecem as leis como ponto de relações²⁷, como também de sua dimensão autoritária, por considerar que os que devem reger o Estado são aqueles detentores do conhecimento²⁸.

Aristóteles pode ser considerado como o primeiro a ter feito do *ethos* um conceito filosófico mais amplo, relacionando-o ao estudo da virtude do caráter. Seguindo passos da poesia de Homero e da tragédia grega, a tradição platônica vai indicar uma relação entre ética e política, e nem sempre mantém a mesma compreensão ao longo de suas obras sobre a questão ética (*Ética a Eudemo*, *Ética a Nicômaco* e *Grande Ética*). No Livro I da *Ética a Nicômaco*, a ética aparece subordinada à política. No Livro VI, parece indicar maior autonomia à ética. A relação ao longo da história

²⁵ Alasdair MACINTYRE, *op. cit.*, 65: "Tucídides registrou um diálogo entre os líderes mélios e os enviados da expedição ateniense, no qual os atenienses afirmam com a maior clareza o princípio que define a justiça da eficácia: *Que, nos conflitos humanos, só se entra em acordo quanto à justiça quando a necessidade é igual; enquanto os que têm supremacia de poder exigem tudo o que puderem, os mais fracos cedem às condições que forem impostas.*"

²⁶ PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

²⁷ M. OLIVEIRA. *Ética e sociabilidade*. São Paulo: Loyola, 1993, 51-54.

²⁸ R. M. HARE. *Platão*. São Paulo: Loyola, 2000, 85-98.

da filosofia vai indicar soluções que expressam a dificuldade indicada pelo filósofo inicialmente²⁹.

Agostinho, na *Cidade de Deus*, vai afirmar que um bando de ladrões tem todas as características de um Estado e que um Estado nada mais é que um bando de ladrões agindo. Ele acentua claramente a separação empírica da relação da ética com a política, recordando um fato irônico, entre Alexandre Magno e um pirata: Este era pirata porque tinha apenas um pequeno navio, mas aquele como tinha uma grande frota, era chamado imperador.³⁰ Uma afirmação tão distante, com dimensão tão atual. As piratarias hoje são aquilo que não é canonizado pelo império. A ética aparece aqui desligada da política na vida concreta.

Já Tomás realiza uma quebra da tradição. Sua palavra muda quanto à questão da usura; quanto à visão sobre direito natural numa perspectiva metafísica, e não histórico-salvífica; quanto à utilização de categorias aristotélicas. A indicação do bem-comum apresenta na ética e na organização social tomista um parâmetro possível de grandes subversões e não-acomodações. Ao indicar a possibilidade de extrema necessidade, a pessoa poder se apossar de algo sem ser roubo, é uma posição que ainda fere um sistema estruturado no dogma da propriedade.³¹

A ética na modernidade emerge como um salto para o indivíduo. Em Morus, existe a possibilidade do prazer, e a importância da vida da comunidade como um todo sobrepõe-se à propriedade particular. Na tensão do prazer e da propriedade, encontramos raízes da emergência do indivíduo. Em Hobbes, o poder do Leviatã sinaliza que na ética da máquina estatal não existe espaço para a crítica, mas apenas para um delírio de obediência. E quanto mais propriedade, mais medo se deve impor, para que o acúmulo de propriedade seja garantido.³² Na visão de Locke, é possível depor um governante, é possível a rebelião contra um representante que não atende às funções para os quais foi delegado o poder.³³ Sua concepção vai abrir espaço para a Revolução Francesa e para a Independência das colônias nos Estados Unidos.

²⁹ Solange VERGNIÈRES. *op. cit.*, 7-11.

³⁰ SANTO AGOSTINHO. *A Cidade de Deus – Parte I*. Bragança Paulista: São Francisco, 2005, Livro IV, Cap. IV.

³¹ Alasdair MACINTYRE, *op. cit.*, 201-226.

³² Hannah ARENDT, *Le origini de totalitarismo*. Torino: Einaudi, 2004, 193-205.

³³ JOHN LOCKE. *Dois Tratados do Governo Civil*. Lisboa: Edições 70, 2006; John DUNN. *Locke*. São Paulo: Loyola, 2003, 42-79.

Conformismos, revoluções, obediências e resistências. Talvez uma das questões que mais se repetem é a dos escravos por natureza, que encontrou em Rousseau uma resposta combativa. A melhor maneira de o forte exercer o seu domínio é transformar a sua violência em direito e em moral. “Se há, pois, escravos por natureza, é porque houve escravos contra a natureza. A força fez os primeiros escravos, sua covardia os perpetuou.”³⁴

Corujas, morcegos, vampiros e urubus!

Seguindo a relação ética e política, a ave de minerva hegeliana, mesmo no seu debate do escravo e senhor, não deixa de escapar ao voo liberal; propõe “abandonar os pobres ao seu próprio destino e entregá-los à mendicidade pública.”³⁵

Mas a relação capital e trabalho, segundo a esquerda hegeliana, é de uma ética vampiresca, porque enquanto existir uma gota de sangue no trabalhador ela será sugada pelo detentor da propriedade burguesa.³⁶ Marx vai indicar que a ética, a forma de consciência social, está relacionada com a base material da sociedade. A crítica marxiana destrói os fundamentos das grandes correntes anteriores, e constitui, ao mesmo tempo, uma doutrina sistemática total. Não foi abolida pela sua dimensão de ideologia, sobreviveu em variantes que empreenderam a reabilitação da sua antropologia filosófica, conceberam uma sociedade sem classe, não como promessa, mas como aposta.³⁷

E as indicações de relação de ética e responsabilidade, como foram situadas? Max Weber indicou uma concepção que ganhou espaço nos meios acadêmicos, na sua distinção entre ética da convicção e ética da responsabilidade, separando os mundos da vida pessoal com o da vida política, questão retomada por Hans Jonas, numa concepção diferente onde a responsabilidade não pode deixar as questões da convicção e o cuidado com as gerações futuras.³⁸ Morin vai colocar as duas lado a lado, na posição em que as mesmas estão inseridas dentro da vida humana.³⁹

³⁴ J. – J. ROUSSEAU. *O Contrato Social*. São Paulo: Martins Fontes, 1989, Cap. II.

³⁵ G. W. F. HEGEL. *Princípios da Filosofia do Direito*. São Paulo: Martins fontes, 2003, 245.

³⁶ K. MARX. *O Capital*. Vol. I. São Paulo: Nova Cultural, 1988, 197.229.

³⁷ Edgar MORIN. *O método 4*, cit., 188-191.

³⁸ Hans JONAS. *op. cit.*, passim.

³⁹ MORIN, *Método 6*, 80-81: “Não se pode aceitar a dissolução da ética na política, que se torna então puro cinismo; não se pode sonhar com uma política serva da ética. A complementaridade entre a ética e a política comporta a dificuldade, a incerteza e, às vezes, a contradição. Quanto mais a política atua no que uma sociedade tem de complexo, mais são imperiosos os imperativos éticos de liberdades e direitos; quanto mais se degradam as

Heidegger, segundo Levinas, ao tratar do Ser de uma forma impessoal e neutra, obscurece a relação interpessoal, considerando sua ontologia uma egologia.⁴⁰ Totalitarismo sofista, totalitarismo platônico, totalitarismo hobesiano, totalitarismo minérvico hegeliano germânico, totalitarismo nazista.

No nazismo, vemos a situação mais uma vez de *demens* e *sapiens* levada ao extremo, desde as pesquisas físicas nazistas até suas torturas aos judeus nos campos de concentração, desde a incerteza das partículas até as pesquisas eugênicas.⁴¹ Mas o Leviatã encontra aqueles que resistem a ser apenas a repetição ao sistema, como os jovens Schol, diante do nazismo, como Soljenitsyn e Sakharov, diante do império soviético,⁴² como tantos da América Latina diante das ditaduras militares (Frei Tito, Dom Oscar), como tantos diante da questão ambiental (Chico Mendes, Dorothy Stang).

Se dos escombros se pode pensar uma nova perspectiva, a saída volta-se para indicações já feitas como a de Kant, na *Paz Perpétua*.⁴³ A humanidade no caminho de uma superação das guerras, da Paz de Vestfália,⁴⁴ procura a Liga das Nações, depois as Nações Unidas e sua Declaração dos Direitos Humanos Universais. Saídas que nem sempre alcançaram êxito, que o diga o Vietnã, que o diga o Iraque, onde a guerra e a tortura apresentam-se tão vivas, e correm as notícias dos jornais como uma verdadeira hóspede indesejada. A tortura é a volta à barbárie; e a ética, a resistência à barbárie, resistência ao triunfo da maldade.⁴⁵

Dentro do quadro de lutas, de ética e de política, a relação realismo e utopia se faz presente. Morin considera que a vida tem a força das duas dimensões. Quem diria que o Vietnã venceria o mais forte? Como

solidariedades e comunidades, mais elas são necessárias. Nesse sentido, uma política da complexidade carrega uma permanente aporia."

⁴⁰ E. LÉVINAS. *Totalità e infinito*. Milano: Jaca Book, 2004, 44: "L'ontologia heideggeriana che subordina il rapporto con Altri alla relazione con l'essere in generale – anche se si oppone alla passione tecnica, venuta dall'oblio dell'essere nascosto dall'ente – resta all'interno della obbedienza dell'anonimo e porta, fatalmente, ad un'altra potenza, al dominio imperialista, alla tirania. Tirannia che non è l'estensione pura e semplice della tecnica a degli uomini reificati."

⁴¹ John CORNWELL. *Os cientistas de Hitler – ciência, guerra e o pacto com o demônio*. Rio de Janeiro: Imago, 2003, 109-113.

⁴² MORIN. *op. cit.*, 80.

⁴³ KANT, *Per la pace perpetua*, Feltrinelli, Milano 2004.

⁴⁴ Philip BOBIT. *A Guerra e a Paz na História Moderna – O impacto dos grandes conflitos e da política na formação das nações*. Rio de Janeiro: Campus, 2003, 477-494.

⁴⁵ *Ibidem*, 82.101.200.

profetizou Hobbes: o mais fraco pode sair vitorioso. Aquilo que parece ser impossível pode ser possível! Diante da sábia realidade cabe sempre um elogio à loucura da utopia.

Dentro das diversas situações do planeta, particularmente da América Latina, onde se desenha uma nova realidade de governos de esquerda, talvez novas possibilidades possam se configurar, possibilidades que anos atrás poderiam ser consideradas mera utopia.⁴⁶ Resta, dentro do jogo do Estado com a ética, encontrar caminhos onde a batida do martelo da justiça indique um Estado não carrasco do seu próprio cidadão e de superação da barbárie ao nível internacional.

4. O Planeta

Segundo Morin, estamos com a globalização em uma rede neurocerebral semi-artificial de uma sociedade mundo, que precisa regular os quatro motores descontrolados impulsioneiros da nave espacial Terra rumo ao abismo:

Ciência técnica economia lucro⁴⁷

Este circuito nos leva às fases da pré-história da era planetária. A primeira fase é o encontro do velho e do novo mundo. A segunda ligada à ocidentalização. A terceira fase relaciona-se com a história de Dâmoçles, com uma ameaça marcada por um fio em relação à catástrofe nuclear e com a fome dos países do sul do mundo. Poderíamos também indicar, nesta fase, o aquecimento global, na qual ocorre um circuito recursivo de relação do global com o local.⁴⁸

Na situação de sermos cidadãos do mundo, cidadãos do cosmos, precisamos retornar às origens. A Terra não seria a Terra prometida, ou o paraíso terrestre, mas nossa pátria, o nosso lugar comum de Tântos e Eros.⁴⁹

⁴⁶ István MÉSZÁROS. *Avanço da esquerda na AL pode barrar semicolonialismo dos EUA*. em: *Carta Maior*, 29.5.2006.

⁴⁷ *Ibidem*, 165.

⁴⁸ E. MORIN – A. B. KERN. *Terra-Patria*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 1994, 7-31: “La formula complessa dell’antropolitica non si limita al “pensare globale/ agire locale”, ma si esprime con la coppia: “pensare globale/ agire locale, pensare locale/ agire globale”. Morin procura ampliar a primeira relação através do seu método do todo com a parte. István Mészáros vai criticar o slogan com arma ideológica para não-intervenção em área internacional, *O século XXI – socialismo ou barbárie?* São Paulo: Boitempo, 2003, 48-49.

⁴⁹ *Ibidem*, 177.

A dimensão do risco ecológico apareceu com o anúncio da morte do oceano por parte de Ehrlich, em 1969, e com o Relatório Meadows assessorado pelo clube de Roma, em 1972. Depois da profecia, os problemas ecológicos se generalizaram: contaminação da água, envenenamento dos terrenos por pesticidas e fertilizantes, chuvas ácidas, estoque de lixos nocivos, desertificação, destruição das florestas, aumento do efeito estufa, derretimento das geleiras.⁵⁰

Emergiu a idéia de desenvolvimento sustentável, que requer a limitação da poluição, numa relação de desenvolvimento e ambiente. A precaução se impõe, temos a necessidade de um pensamento ecológico, fundado com a idéia de auto-eco-organização, considerando a relação de todo ser vivente, humano ou social com o seu meio ambiente.⁵¹

A finalidade ética tem duas faces complementares. A primeira é a resistência à crueldade e à barbárie. A segunda, a realização humana, na qual inclui-se a realidade planetária. Viver humanamente é, sobretudo, viver a relação prosa e poesia. “O máximo da poesia, o máximo na união da sabedoria com a loucura, com o máximo da religação, é o amor.”⁵²

Conclusão

A ética, seguindo o pensamento complexo de Morin, apresenta-se como um elemento sugestivo para compreensão do mundo em que vivemos e da nossa condição humana. Claro que não podemos esperar uma reflexão que abrange a totalidade dos elementos da vida, mas que provoca sempre novos pensamentos e posições.

As forças de regeneração da vida humana implicam também o perdão político, que na apresentação da ética complexa aparece como elemento possível, mas nem sempre realizável. O perdão seria impedido, quando as forças fortes de repulsão insistissem na sua dinâmica destruidora. Alerta o ético que “os humilhados, os odiados, as vítimas, não devem transformar-se nos que humilham, odeiam, oprimem.”

A dimensão dialógica, segundo nosso modo de pensar, não elimina a possibilidade da dialética e não pode ser um caminho mais fácil para apenas colocar diversas formas de pensamento lado a lado, sem pensar nas suas contradições, repetições e superações. Talvez um acento

⁵⁰ *Ibidem*, 63-64.

⁵¹ *Ibidem*, 65-66.

⁵² MORIN, *op. cit.*, 202.

menor na incansável procura de uma superação anterior ajude-nos nas ligações das diversas formas de pensar a mundanidade.

Os circuitos das diversas relações apresentados por Morin ajudam-nos numa compreensão da possibilidade dos vínculos dentro da vida humana e também dos seus curtos-circuitos. A relação *sapiens* e *demens* é algo constante na nossa percepção. Sabedoria que pode ser manifestada no amor, loucura também da qual o amor não escapa! Sabedoria e loucura utilizadas também pelo Tánatos.

Precisamos do nosso lado *sapiens* para a construção das relações de fraternidade e solidariedade internacional, para a construção de um desenvolvimento sustentável. Mas para manter a vida sobre o planeta, precisamos também de soluções que apelem para o nosso lado *demens*, para soluções inusitadas e audaciosas. O fato de Morin indicar que estamos na pré-história da fase planetária pode emergir num primeiro momento como uma análise de cunho profético, prevendo muito tempo ainda da possibilidade da vida humana sobre o planeta. Se temos ou não ainda um grande espectro de possibilidades, não podemos deixar de considerar que, pelos estragos que fazemos no planeta aqui, poderemos permanecer apenas na fase pré-histórica da era planetária. Por isso, vale manter a heurística do medo de Hans Jonas, medo que não deve ser para nós uma paranóia, mas uma força que nos mobilize de forma séria para a gravidade do momento atual.

Sapiens, demens!

Pássaros, brotar das flores, águas límpidas, raios de Sol!

Corujas, morcegos, sangue e vampiros!

Bibliografia

- ARENDDT, Hannah. *Le origini de totalitarismo*. Torino: Einaudi, 2004.
- ARISTÓTELES. *Política*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- BOBIT, Philip. *A Guerra e a Paz na História Moderna – O impacto dos grandes conflitos e da política na formação das nações*. Rio de Janeiro: Campus, 2003.
- CORNWELL, John. *Os cientistas de Hitler – ciência, guerra e o pacto com o demônio*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- DANTE ALIGHIERI. *A Divina Comédia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- ERASMO DE ROTTERDAM. *Elogio da loucura*. São Paulo: Abril Cultural, 1972. (Os Pensadores).
- G. W. F. HEGEL. *Princípios da Filosofia do Direito*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- HARE, R. M.. *Platão*. São Paulo: Loyola, 2000.

HAWKING, Stephen. *O Universo numa casca de noz*. São Paulo: ARX, 2004.

J. – J. ROUSSEAU. *O Contrato Social*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

JASPERS, Karl. *The future of Mankind*. Chiacago – London: The University of Chicago, 1968.

DUNN, John. *Locke*. São Paulo: Loyola, 2003.

JOHN LOCKE. *Dois Tratados do Governo Civil*. Lisboa: Edições 70, 2006.

JONAS, Hans. *Il principio responsabilità – un'etica per la civiltà tecnologica*. Torino: Einaudi, 2002.

K. MARX. *O Capital. Vol. I*. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

KANT, *Per la pace perpetua*, Feltrinelli, Milano 2004.

LÉVINAS, E. *Totalità e infinito*. Milano: Jaca Book, 2004.

MACINTYRE, Alasdair. *Justiça de quem? Qual racionalidade?* São Paulo: Loyola, 2001.

MÉSZÁROS, István. *Avanço da esquerda na AL pode barrar semicolonialismo dos EUA*. em: *Carta Maior*, 29.5.2006.

———. *O século XXI – socialismo ou barbárie?* São Paulo: Boitempo, 2003.

MORIN, Edgar. *O método 2 – a vida da vida*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

———. *O Método 3 – O conhecimento do conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

———. *O Método 4 – As idéias*. Porto Alegre: Sulinas, 2002.

———. *O Método 6 – Ética*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

———. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo – Brasília: Cortez – UNESCO, 2000.

——— – KERN, A. B.. *Terra-Patria*. Milano: Raffaello Cortina Editore, 1994.

NUSSENZVEIG, H. Moysés. *Curso de Física Básica 1 – Mecânica*. São Paulo: Edgard Blücher, 2002.

OLIVEIRA, M. *Ética e sociabilidade*. São Paulo: Loyola, 1993.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

SANTO AGOSTINHO. *A Cidade de Deus – Parte I*. Bragança Paulista: São Francisco, 2005.

THOMAS HOBBS. *Leviatã*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

UBALDO, Nicola. *Antologia ilustrada de Filosofia – das origens à idade moderna*. São Paulo: Globo, 2005.

VERGNIÈRES, Solange. *Ética e Política em Aristóteles*. São Paulo: Paulus, 1999.

VILAIN, Jacques. *O Museu Rodin*. Paris: Beaux Arts, 2003.

ZUBIRI, Xavier. *Inteligencia y Razón*. Madrid: Alianza editorial – Sociedad de Estudios y Publicaciones, 1983.

*Prof. Dr. Pe. Marcos Mendes de Oliveira
Doutor pela Academia Alfonsiana – Roma
Prof. de Ética Contemporânea e de Moral Social no ITEP